

**FUNDAÇÃO EDUCACIONAL MIGUEL MOFARREJ
FACULDADES INTEGRADAS DE OURINHOS
CURSO DE PSICOLOGIA**

**O PALHAÇO E O IDOSO: DOIS GRUPOS, UM MOMENTO, ALGUNS
EFEITOS**

AMANDA CAROLINA REIS DE BARROS

**OURINHOS-SP
2013**

AMANDA CAROLINA REIS DE BARROS

**O PALHAÇO E O IDOSO: DOIS GRUPOS, UM MOMENTO, ALGUNS
EFEITOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Psicologia das Faculdades Integradas de
Ourinhos como pré-requisito para a obtenção do
Título de Psicólogo.

Orientador: Prof^a. Ms. Manoela Maria Valério.

**OURINHOS-SP
2013**

BARROS, Amanda Carolina Reis

O palhaço e o Idoso: dois grupos, um momento, alguns efeitos. / Amanda Carolina Reis de Barros. Ourinhos, 2013. 52 f.

Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia.
Faculdade Integradas de Ourinhos.

Orientador:Ms. Manoela Maria Valério.

Descritores: 1. Palhaço 2. Idoso 3. Asilo

AMANDA CAROLINA REIS DE BARROS

**O PALHAÇO E O IDOSO: DOIS GRUPOS, UM MOMENTO, ALGUNS
EFEITOS**

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado e aprovado para obtenção do título de Psicólogo, no Curso de Psicologia, das Faculdades Integradas de Ourinhos.

Ourinhos, 9 de novembro de 2013.

Profa. Ms. Paula Ione da C. Quinterno Fiochi

Coordenadora do Curso de Psicologia

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a. Consuelo Biacchi Eloy

Orientador

Prof. Me. Suedina Brizola Rafael Rogato

Prof. Me. Manoela Maria Valério

*Dedico a todos os idosos do asilo de Chavantes e
a todos os palhaços do SOS Alegria.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os meus “Amolos”, os idosos do asilo com quem pude compartilhar momentos que eu vou levar para toda a minha vida. Mesmo que um dia, por algum motivo, nos separemos, algo de muito importante ficará em mim: as lindas lembranças das tardes de domingo.

A minha família, pai, irmã e, principalmente, minha mãe Isabel, que sempre me apoiou em todos os momentos da minha vida e, sobretudo agora, sempre dizendo que tudo no final dará certo, que eu não precisava me preocupar tanto. Ela, já sabendo dos meus momentos em que precisava ficar sozinha, me deixava no "meu canto", mesmo que ela estivesse se remoendo de vontade de conversar...

A minha amiga mais que uma irmã, Luana, que mesmo a quatrocentos quilômetros de distância, ouvindo minhas lamentações, meu desespero, no telefone, por mensagem, internet, ou qualquer outro tipo de meio de comunicação, estava sempre me apoiando, dizendo que tudo ia dar certo.

A minha amiga Fernanda, uma irmã que eu ganhei durante esse tempo de faculdade e que espero levar por toda a minha vida; que vivenciou esse momento junto comigo, do meu lado, me escutando, presenciando todos os momentos, e sempre me apoiando também. E, apesar de tanto desespero, o nosso sorriso ainda prevalecia no rosto. "Mesmo que fossem gargalhadas de desespero"

E sem esquecer do meu namorado Jonatas, que mesmo estando longe, e eu muitas vezes nervosa, me entendeu, me apoiou, me deu força e esteve ao meu lado sempre. E que possa estar do meu lado sempre que eu precisar.

E também minha orientadora Manoela (minha Diva), que me acolheu como orientanda, sempre esteve disposta a me ajudar, a me orientar. Eu só tenho a agradecer, pois ela é a peça fundamental, por esse trabalho ter dado certo. E gostaria de dizer que um dia serei igual ela...(haha).

A todos os mestres que ajudaram de alguma forma para o meu desenvolvimento durante esses 5 anos de faculdade.

Ao professor Lucas Soldera, que me ajudou no trabalho, me incentivando a estudar sobre a minha experiência como palhaça no asilo, e também me indicou a orientadora.

E também a todos os outros amigos que sempre estiveram comigo, e pudemos compartilhar momentos lindos juntos. Hellô, Jéh, Fer, Ká, Moni, Gêmulas (Flá e Nathy) e o grande Rafa.

E também a meus idosos mais lindos do mundo, meus avós, que não estão mais em nosso meio, mas com eles eu pude passar momentos maravilhosos, pude aprender muitas coisas, as histórias, as lembranças, a comida gostosa de vó, o jeito simples de viver, o olhar e o carinho de um avô. Isso não tem preço, no entanto guardo vocês e levo para sempre comigo...Luiz Rodrigues de Barros e Alice Evaristo (Vô Luiz e Vó Lice), José Oliveira Reis e Iraci de Barros Reis (Vô Zé e Vó Raci).

A todas essas pessoas,

Obrigada!!!

Gracias, Chicos e Chicas...

A velhice é a paródia da vida.
(Simone de Beauvoir)

RESUMO

O objetivo da pesquisa é levantar alguns efeitos que podem ser causados no encontro do idoso com o palhaço no asilo. O trabalho apresenta três capítulos. O primeiro capítulo trata do palhaço em seu contexto histórico de formação, discorre sobre essa figura cômica, até o momento em que esta é inserida em uma instituição de cuidado, e levanta questões sobre o palhaço dentro de uma instituição assistencial, como o hospital e o asilo, analisando as situações em que as pessoas se encontram, quando institucionalizadas. O segundo capítulo trabalha, especialmente, com linhas históricas do processo de envelhecer; há discussões conceituais, sociais e psicológicas com a proposta de mostrar como este sujeito, o idoso, passa, em determinado momento, a habitar uma instituição, no caso, uma instituição asilar; levanta ainda questões sobre os modos familiares que constroem a crença de que este espaço, o asilo, é o lugar ideal para o idoso, sem pensar em como o idoso poderá se sentir a partir do momento que se torna um ser institucionalizado. O terceiro capítulo, por fim, traz novamente a figura do palhaço, mas, desta feita, enquanto personagem que está inserido em vários lugares, não somente em um circo, mas numa diversidade de espaços que se abriram para essa figura. Nesse terceiro capítulo a intenção, a partir de uma experiência e seguindo as diretrizes de um método cartográfico, é retratar alguns trechos do diário de bordo, onde poderão ser percebidas algumas linhas do que acontece nesses encontros entre o palhaço e o idoso, onde se estabelece uma relação e se percebe alguns dos efeitos produzidos neste encontro.

Palavras-chave: Palhaço. Idoso. Asilo.

SUMÁRIO

RESUMO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPITULO I.....	12
1 Palhaços.....	12
1.1 A história do Palhaço.....	14
1.2 Palhaço e o Circo.....	19
1.3 Palhaço além do Circo.....	21
CAPITULO II.....	24
2 Envelhecimento: uma fase temida.....	24
2.1 Da velhice à terceira idade.....	27
2.2 O Idoso institucionalizado.....	30
CAPITULO III.....	32
3 Novas cortinas se abrem para o palhaço.....	32
3.1 Relatos de uma Experiência.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	47

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende, enquanto objetivo principal, levantar algumas linhas a respeito do encontro do idoso com o palhaço, e a relação que vai se estabelecendo a partir de algumas intervenções realizadas em um ambiente asilar.

O palhaço, em determinadas atuações ditas humanitárias, tem a intenção, de compartilhar “coisas boas”; nesse encontro, o trabalho do palhaço nestes modos de ações, tem a missão de fazer com que os idosos dentro daquele ambiente tenham uma outra visão do cotidiano, mesmo que somente um dia na semana.

Para a escrita deste trabalho, foi utilizada a metodologia da cartografia, que se utiliza da ferramenta do diário de bordo, produzido a partir de registros do pesquisador nesses encontros para perceber, a partir de suas observações, as emoções, afetos, gestos, olhares, alguns dos efeitos que surgem durante esse encontro do idoso com o palhaço. "Cartografar é acompanhar processos" (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 14). Será utilizada, como já apontado, a ferramenta do diário de bordo, e a partir dos relatos dos encontros desses dois grupos, entre pesquisador e o campo de pesquisa, foram registradas suas percepções sobre esses momentos. Essa coleta de dados irá se estabelecer através da subjetividade do pesquisador.

Esta pesquisa, portanto, se deu a partir de leituras de textos e obras científicas, juntamente com material produzido a partir do encontro de um grupo com idosos de um asilo, registrado no diário de bordo. Deste modo, relatos da experiência asilar serviram como ferramenta fundamental para levantar algumas linhas de análise do encontro entre o idoso e o palhaço. Seguindo a perspectiva metodológica da cartografia, este trabalho definiu-se a partir de três linhas de análise: o palhaço, o idoso e, por fim, efeitos produzidos a partir do encontro entre ambos.

Há estudos que tratam da ação do palhaço dentro de hospitais com o público de crianças e, segundo Ana Achar (2007), "a presença do palhaço no hospital se justifica precisamente porque ele é um desordeiro." (p.60) . Segundo a autora, "A sua desmedida e as suas provocações encontram eco e resposta na violência, na paixão, na urgência das lutas para sobreviver que se travam, diariamente, num hospital" (p.60). Vale salientar que, no decorrer desta pesquisa, não foram encontradas referências acerca da presença de ações de palhaços na instituição

asilar, o que, seguindo a perspectiva metodológica da cartografia, nos possibilitou a utilização de nossa ferramenta de trabalho, o diário de bordo. Nele foram apontados alguns aspectos presentes neste tipo de espaço e de encontro entre o palhaço e o idoso que habita um asilo.

O asilo foi um local criado junto as outras instituições, como internatos, orfanatos e instituições disciplinares com intuito de retirar certo grupo que estaria "adoecido" ou que, de alguma forma, foi excluído da sociedade e colocados em um local específico para atender a esse tipo de público.

A população asilar necessita de muita atenção, pois são idosos que foram de alguma forma esquecidos pela sociedade e abandonados pela família. Muitos idosos não aceitam que estão nessa fase da vida, não aceitam o envelhecimento, e isso lhes causa sofrimento. Por terem sido abandonados pela família, podem não entender o motivo pelo qual foram parar naquele local. Estes são fatores que podem causar de alguma forma um mal-estar no idoso dentro da instituição.

E então aparece outra pessoa que está interessada em estar com ele, que vai até o lugar onde ele está inserido, para oferecer atenção, amor, carinho, um abraço, um sorriso, qualquer gesto amigável que, mesmo simples, pode ter significados para ambas as partes. O palhaço também é beneficiado, ele vai naquele ambiente para levar todos esses sentimentos e ganha também, pois os idosos vão retribuir esses gestos, de alguma forma. O palhaço e o idoso vão se relacionar e partilhar sentimentos, emoções, afetos, histórias, contos, brincadeiras, entre outras várias coisas que poderão acontecer nesse encontro.

No decorrer do texto, a proposta é pensar, no primeiro momento, em todo o contexto histórico do palhaço, desde antes do circo até ele ser inserido em uma instituição assistencial; e mesmo que o palhaço tenha saído do circo e tenha ido para outras instituições, a intenção é a mesma, buscar o riso nas pessoas. Com a entrada dessa figura em uma instituição assistencial, pode-se pensar que, por serem pessoas institucionalizadas, a vida se torna muitas vezes monótona, e com uma figura cômica isso pode causar algum efeito na pessoa. No segundo capítulo, a proposta foi mostrar o processo de envelhecer, uma fase de difícil aceitação, pois ser considerado velho é dizer que não tem mais valor. Atualmente, não é adequado utilizar o termo velho, e sim idoso, que também vem com a terceira idade para mostrar que nessa fase da vida a pessoa de mais idade pode viver e realizar atividades como outra qualquer. Também foi abordada a entrada do idoso nas

instituições, quando, muitas vezes, essa entrada está associada à crença da família de que fazer do idoso um ser institucionalizado seja o melhor para ele, sem pensar como o mesmo irá receber essa ideia. No terceiro capítulo, a proposta foi mostrar como o palhaço ganhou espaço e foi inserido em vários lugares diferentes dos quais esteve habituado historicamente. Este capítulo irá retratar alguns trechos do diário de bordo, nos quais poderão ser percebidos alguns efeitos que são causados quando esses dois grupos se encontram.

Diante disto, este trabalho se justifica por pensar sobre esses dois grupos e perceber qual a relação que irá se criar no encontro entre eles.

CAPITULO I

"Se tivesse acreditado na minha brincadeira de dizer verdades teria ouvido verdades que teimo em dizer brincando, falei muitas vezes como um palhaço mas jamais duvidei da sinceridade da platéia que sorria".

(Charles Chaplin)

1 PALHAÇOS

Há séculos o palhaço vem sendo estudado, não necessariamente com esta definição, palhaço, mas enquanto personagem cuja intenção é a mesma dos dias de hoje: " fazer rir", e através de suas atuações "tortas", fazer acontecer o espetáculo.

A figura do palhaço remete-se àquele que sempre terá como objetivo provocar o riso, não importando a forma como isso será feito.

O palhaço é a figura cômica por excelência, ele é a mais enlouquecida expressão da comicidade: é tragicamente cômico. Tudo que é alucinante, violento, excêntrico e absurdo é próprio do palhaço. Ele não tem nenhum compromisso com qualquer aparência de realidade. O palhaço é comicidade pura. (CASTRO, 2005, p. 14).

O palhaço não é uma figura somente para atuar no circo, mas foi com as artes circenses, através do picadeiro, que ele ganhou espaço e ficou popular.

Existem outros nomes que identificam o palhaço durante toda a sua história, segundo Castro (2005): clown, grotesco, bufão, bobo, excêntrico, tony, augusto, jogral. São alguns dos nomes que este personagem adquiriu durante toda a sua jornada.

Para apresentar um pouco da trajetória e da construção do palhaço na história, parece essencial explicar a diferença entre "Palhaço" e "Clown".

A palavra "*clown*", do idioma inglês do século XVII, derivada de "*cloyne*", "*clowne*". Sua matriz etimológica reporta a "*colonus*" e "*clod*", cujo significado se refere ao camponês e ao seu meio rústico, a terra (BOLOGNESI, 2003, p. 62). Esse termo é mais usado na versão inglesa, mas também para falar do palhaço no espaço do teatro. No universo circense, o *clown* participava de cenas curtas e tinha uma maneira estúpida e tola de lidar com as situações diversas.

Palhaço é um termo de origem italiana, "paglia", a palha usada para revestir os colchões. Torres (apud ACHCAR, 2007, p. 32). Esse termo palhaço era utilizado para aqueles que atuavam no circo e no teatro, mas de forma grotesca, diferente do clown, que era utilizado somente para aqueles que atuavam no teatro de forma mais interiorizada.

Figura 1- Clown branco e Augusto



Fonte: (EN TROBRIAND..., 2009).

Dentro do universo "clownesco", temos algumas características que definem o jogo entre a dupla cômica, o "Clown branco e o Augusto", onde um completa o outro; na hora do espetáculo, um vai dar suporte para o outro.

Segundo Bolognesi:

O clown branco tem como característica a boa educação, refletida na firmeza dos gestos e elegância nos trajés e nos movimentos. Ele mantém o rosto coberto por maquiagem branca, com poucos traços negros, geralmente evidenciando sobrancelhas, e os lábios totalmente vermelhos [...] (BOLOGNESI, 2003, p. 72).

O termo Augusto é aquele tipo de palhaço que tem marca característica o nariz avermelhado, ele não cobre totalmente a face com maquiagem, mas ressalta o branco nos olhos e na boca. Sua característica básica é a estupidez e se apresenta de modo desajeitado, rude e indelicado. (BOLOGNESI, 2003, p. 74).

O Clown branco associa-se ao *clo*; o Augusto, ao palhaço. Alguns autores vão dizer que o papel do palhaço é ser escada do *clown*, pois o Augusto é quem vai dar

a deixa para o clown branco fazer a graça. O Augusto tem como característica principal o nariz vermelho e o jeito bobo excêntrico; e clown branco, o bobo esperto. Essa relação dos dois personagens, onde um completa o outro no espetáculo faz a plateia rir.

1.1 A História do palhaço

O Palhaço é uma figura que está presente em diversas culturas; sempre existiu um personagem que ocupava esse lugar do fazer rir.

Segundo Castro (2005), na Antiguidade o palhaço esteve presente somente em rituais tendo o riso como parte principal. Era uma forma que as pessoas tinham para se aproximarem dos deuses, através do riso. Esses rituais tinham efeitos como, por exemplo: espantar o medo e o medo da morte. Com o tempo, a partir de pequenas apresentações, o palhaço ganhou reconhecimento e começou a receber convites para fazer apresentações especiais diante da nobreza. Com esse reconhecimento, acabou por ganhar uma profissão que se nomeou por cômico.

Segundo Pavis (2007, p. 58), "o cômico não se limita ao gênero da comédia, responde ao instinto do jogo, ao gosto do homem pela brincadeira e pelo riso, a sua capacidade de perceber aspectos insólitos e ridículos da realidade física e social".

Essa figura cômica tem sempre esse objetivo de, a partir de algo ridículo, fora do padrão que as pessoas estão acostumadas no seu cotidiano, buscar o riso.

A partir do momento em que começo a me vestir na minha casa, o personagem já começa a despertar em mim, quando visto a roupa colorida, pinto o rosto, o laço enorme na cabeça, a meia até o joelho colorida, os sapatos coloridos, e o nariz vermelho, uma outra pessoa está em cena, a forma de se comportar totalmente diferente, brincadeiras a todo momento, fazer com que qualquer detalhe não passe despercebido para fazer uma graça. (DIÁRIO DE BORDO, s/d, s/p).

Essa figura cômica transforma um conflito em algo risível, ele mascara a realidade, tornando-a menos desgastante, como era naqueles tempos, onde muita coisa era proibida e as regras eram muito rígidas.

Bufões, como louco, é um marginal. Este estatuto de exterioridade o autoriza a comentar os acontecimentos impunemente, ao modo de uma espécie de paródia do coro da tragédia. Sua fala como a do louco, é ao mesmo tempo proibida e ouvida. (PAVIS, 2007, p. 35).

Segundo Castro (2005), os bufões eram exclusivos da nobreza, para alegrar os seus convidados nas suas festas. Eles atraíam os poderosos, pois os mesmos queriam alguém aos seus pés disposto e autorizado a contradizer, ridicularizar e quebrar algumas regras, e até mesmo zombar do próprio faraó. Mas essa brincadeira tinha que ser feita de forma sutil, sem que ofendesse muito; caso isso passasse muito dos limites, alguns desses poderosos não aceitavam muito a brincadeira e podiam castigá-los, ou então matá-los. Os bufões medievais, assim como os palhaços das cortes egípcias, tinham algum tipo de deformidade, podiam ser anões, corcundas. Essas deformidades é que os faziam inferiores e, por isso, era mais fácil serem aceitas as brincadeiras e comportamentos ousados.

Ter um palhaço fazendo parte de suas festividades se tornou uma tradição.

Ricos e poderosos se sentiam mais ricos e mais poderosos se pudessem ostentar o seu palhaço exclusivo, garantindo diversão a seus convidados. E mesmo os que não eram nobres gostavam de ter um palhaço nos momentos especiais: casamentos, batizados e festas para seus deuses [...] tudo pedia a presença dessas figuras que garantiam a alegria da festa. (CASTRO, 2005, p. 20).

Na Idade Média, a religião era muito rígida. A crença religiosa era muito intensa, todos tinham que ir à missa diariamente, e rezar era uma rotina bem maior do que nos dias de hoje. Essa religiosidade era generalizada, pois a maioria das pessoas se envolvia.

Nessa época eram realizadas festas que se tornaram tradição, mas que foram banidas pela Santa Igreja. Essas festividades, chamadas Saturnais, voltaram a ser realizadas com muito mais força e, com o tempo, até mesmo a igreja começa a ficar envolvida com essas festas.

As Saturnais eram realizadas em Roma nas calendas de janeiro e, neste período, os escravos se vestiam como patrões, sentavam-se à mesa com eles e celebravam a Idade de Ouro, aquela época em que a igualdade imperava a todos os homens que confraternizavam em harmonia. (CASTRO, 2005, p. 28).

Naquela época, as pessoas gostavam de zombar das autoridades. Elas se vestiam com roupas extravagantes e então se encontravam em certo lugar para que essa zombaria se fizesse em grupo, o que causava uma grande satisfação para ambas as partes, tanto àqueles que participavam, quanto para aqueles que

assistiam. Esses encontros eram realizados nas saturnais e eram momentos que o povo tirava para zombar de seus patrões ou alguém superior a eles.

Segundo Castro (2005), ao longo do tempo essas festas se tornaram mais ousadas e conhecidas por toda a população, que também se envolvia. Antes era uma festa somente para os escravos e seus senhores, depois passou a se instalar dentro das igrejas, onde os membros destas participavam e se vestiam de forma extravagante e se punham de forma ridícula no altar das igrejas, fazendo assim o que eram chamadas de Saturnais, agora transformadas em "Festa dos Loucos".

Esses nomes das festas foram mudando com o tempo, mas foram sempre festividades relacionadas à igreja.

Segundo Castro (2005), nesse tipo de festas se cantava e bebia muito; o vinho era o que atraía a cidade para essa folia, e quem se recusava a participar era constringido em público pelos participantes da festa e eram obrigados a dançar ou cantar em frente a toda a cidade.

Figura 2- Saturnais



Fonte: (OBVIOUS, 2012).

De acordo com Castro (2005), esse tipo de festividade começou a tomar conta da cidade, e todas as pessoas participavam. Era uma forma que eles encontraram de sair da realidade, do padrão e fazer coisas que, no dia-a-dia, não seriam bem vistas. Era um momento em que as regras poderiam ser quebradas, até porque naquela época as regras eram bem estabelecidas pela igreja, que se considerava acima do poder e, com isso, nessas festividades, esse poder da igreja e

de seus membros era esquecido, e se podia zombar dessas pessoas, sem que fosse considerado como falta de respeito.

Muitas autoridades da Igreja, Santo Agostinho inclusive, clamaram contra os abusos cometidos nessas festas, mas durante séculos elas serviram de válvula de escape contra os rígidos códigos religiosos e a dura vida do cotidiano medieval. (CASTRO, 2005, p. 29).

A vida naquela época apresenta suas peculiaridades e dificuldades; a maioria das pessoas passava o tempo trabalhando no campo, em trabalhos pesados e duros.

De acordo com Castro (2005), durante muitos séculos, vários lugares, como Egito, Índia, Grécia e Roma, não dispensavam essa figura cômica, feia, ridícula, extravagante, e que tinha a autoridade de zombar do rei, do faraó ou de alguma outra autoridade. Todos eles tiveram um bobo para servi-los, mas foi na Idade Média que o bobo ficou marcado.

Os reis, bispos, condes, barões, príncipes, um senhor, um poderoso ou alguém que tivesse certa autoridade não dispensava um bobo; todos tinham um, e a corte somente se prezava quando houvesse um bobo para proporcionar a diversão de seus convidados.

Na cabeça, um chapéu cheio de longas pontas com guizos em cada uma delas. Na mão, um cetro - a marotte -, símbolo da loucura. A roupa é colorida, com triângulos de cores diferentes, como a de um Arlequim. Na cintura, uma espada de madeira e um bastão com uma bexiga de porco cheia de ervilhas secas que, de quando em quando, ele bate no chão, pontuando suas brincadeiras com um som forte e cômico. (CASTRO, 2005, p. 32).

Essa figura de bobo da corte, apontada pela autora, era sempre ridícula e insólita, e sempre era um anão ou corcunda. Isso era o que atraía os poderosos, pois tornava mais aceitáveis as brincadeiras, provocações e o comportamento do bobo. Esse foi um dos nomes pelo qual ficou mais conhecido na história do palhaço.

Alguns poderosos não gostavam do bobo, mas como naquela época era tradição ter um personagem como esse, eles acabaram sempre tendo um em seu meio, para ficarem no padrão na norma, onde cada corte tinha seu bobo, para divertir os seus convidados.

Nos primeiros séculos da Idade Média, a igreja pouco a pouco foi sendo incentivada para a realização de alguns espetáculos para encenar a vida de Cristo, dos santos, que também eram realizados como ensinamentos ao povo.

Quando começaram dentro da igreja, eram pequenas as apresentações, mas as coisas foram sendo modificadas e foi crescendo, quando se percebeu havia tomado as ruas e a cidade estava toda envolvida.

Toda a cidade esperava pelo momento em que aconteceriam esses grandes espetáculos. Foram percebendo que todas as pessoas de diversos lugares também estavam sendo atraídas pela festa.

Nos séculos XII e XIII, as feiras tornam-se o principal instrumento de troca, transformando a economia e desenvolvendo as relações entre os povos. A feira de Saint Germain foi criada em 1176 e, depois dela, surgiram a de Saint Lazar – mais tarde transformada em Saint-Laurent –, a de Saint-Barthélemy, a de Lyon, de Bruges e, logo, as de Sturbridge e Southwark, na Inglaterra; Franckfurt, Colônia, Nuremberg e Leipzig, na Alemanha; Florença, Nápoles, Veneza, Milão e Gênova, na Itália; Medina, na Espanha, e Nijni-Novgorod, na Rússia. (CASTRO, 2005, p. 37).

De acordo com Castro (2005), essas feiras se tornaram ponto de encontro de grandes artistas. Todos os tipos de artistas apareciam nessas feiras, desde os jograis aos adestradores de animais. As feiras, no começo, duravam apenas algumas semanas, mas com o passar do tempo começaram a durar meses.

Tudo que se podia vender existia nessas feiras; as pessoas que passavam por elas tinham o intuito de trocar ou apenas admirar o espetáculo.

Por essas feiras serem muito tumultuadas, era armado um tipo de palco com um banco e, em cima dele, era realizado o espetáculo. Daí uma possível origem do termo saltimbancos.

Na Idade Média, os saltimbancos se reuniam nos lugares de passagem mais frequentados: Pont Neuf, em Paris, Praça de São Marcos, em Veneza. São os representantes de um teatro não literário, popular e assumidamente satírico ou político. O espetáculo é gratuito e é ponto de encontro das classes populares, mas também, às vezes, de aristocratas que não se furtavam a se misturar ao populacho. (PAVIS, 2007, p. 349).

De acordo com Pavis (2007, p.349), "saltimbanco é o termo genérico para malabarista, pelotequeiro, embusteiro, charlatão, farsante, pregoeiro, arrancadentes, paradista". Seria uma pessoa que se expõe em cima de um tablado, faz algumas apresentações e tem essa habilidade de entreter o público.

Saltimbancos do século XVIII, com ingredientes - especialmente com relação aos palhaços - da *commedia dell'arte* (que vigorou na Europa durante os séculos XVI e XVII)¹ acompanhavam praças e feiras medievais com suas exibições de malabarismos, acrobacias, números cômicos, dentre outros. Estes artistas circularam por diversos lugarejos, em especial, locais públicos de grande movimentação. Nos festivais e feiras lá estavam eles, com suas tralhas cheias de arte. (VALÉRIO, 2007, p. 46 e 47).

Segundo Castro (2005), no começo eram apenas usados bancos, depois algumas cortinas e, mais tarde, nas feiras maiores, tiveram que ser construídos ambientes maiores, tornando-se teatros de feira, pois já existiam teatros, esses oficiais.

A repercussão desse tipo de teatro foi tão grande que foram formadas trupes para realizar os espetáculos. Segundo Castro (2005), em 1680, os teatros oficiais tinham os teatros populares como rivais. Houve uma luta que durou quase dois séculos, onde os teatros oficiais conseguem uma lei, na qual se previa que não era qualquer um que poderia fazer comédias e também não poderia haver nenhum tipo de diálogo, como eram feitos nas feiras. Mas os teatros acabam achando um jeito de continuar as apresentações, eles acabam burlando regras e arrumam maneiras de fazer o espetáculo de outro jeito, agora fazendo o público participar das apresentações. Com isso, o teatro popular fica mais reconhecido e surgem cada vez mais ideias para melhoria das apresentações.

Segundo Castro (2005, p. 41), "a Assembleia Nacional - órgão dos revolucionários franceses - reconhece, em janeiro de 1791, o direito de todo cidadão construir um teatro e de nele apresentar o espetáculo de sua escolha."

Com isso o teatro das feiras fica livre para fazer o espetáculo como quiser, já não precisavam burlar regras.

1.2 O Palhaço e o Circo

Segundo Bolongnesi (2003), em 1807, Franconi junto a sua família montou o Circo Olímpico, e então, pela primeira vez, foi usado o termo "circo". Este circo tinha como espetáculo a arte equestre, que são apresentações em cima do cavalo, onde se faziam acrobacias, desfiles elegantes, e também varias formas de espetáculos populares.

Já no século XVIII, marcado por grandes transformações sócio-econômicas, as feiras começam a perder o posto de local de circulação e simultaneamente emerge uma sociedade industrial. O espaço público se interioriza, ou seja, surgirão locais adequados para cada manifestação ou expressão de trabalho. Do grande caldeirão de misturas medievais. (BAKHTIN, apud, VALÉRIO, 2007, p. 47) emerge as especificidades industriais, locais separados para cada procura. Neste cenário, militares fora de seus postos de trabalho passam a exhibir suas destrezas eqüestres. De uma disciplina militar que os constituiu cavaleiros, passam aos poucos a adentrar o mundo das exibições artísticas com façanhas acrobáticas sobre cavalos. Esses novos artistas também habitarão as ruas já consagradas pelos saltimbancos, pois, “desde 1758, na Inglaterra, já se organizavam espetáculos ao ar livre, com homens em pé sobre o dorso de um ou mais cavalos”. (BOLOGNESI, apud, VALÉRIO, 2007, p. 47). Dá-se o processo de uma nova mistura. (VALÉRIO, 2007, p. 47).

A cultura teve que se adequar aos novos tempos, criando formas de entretenimento, onde se buscava compradores de espetáculo e diversão.

Segundo Bolongnesi (2003), o circo então ocupou lugar de destaque. Além dos números equestres, os donos de circo agora podiam dar trabalho para todos aqueles artistas que perderam seus trabalhos com a queda da feira. E, inclusive, poderiam contar com o *clown*, pois ele também fazia apresentações nas feiras.

Agora não eram feitas apresentações em lugares abertos como eram feitas as feiras; aqui o cenário era outro, agora em ambientes fechados, denominados circo. Então começou a disputa, onde as grandes empresas expulsam as pequenas; neste caso, os grandes circos acabavam com os pequenos.

Segundo Castro (2005), todos os artistas começam a fazer parte desses espetáculos, que no caso dos grandes circos procuravam artistas dentro dos menores circos e os levavam para trabalhar com eles. Os saltadores, equilibristas, malabaristas, dançarinos, mágicos e, principalmente, o clown começam a fazer parte dos espetáculos. Com isso surgindo os palhaços que estão no circo até nos dias de hoje.

O palhaço passa a ser o artista principal dos circos e a entreter o público através do riso. Segundo Achcar (2007, p. 46), "ela vai denominar o palhaço aqui como o "palhaço do espetáculo" [...] é todo aquele que se põe à vista de um público". É aquele personagem que vai se expor diante ao público, em um picadeiro ou palco.

Pode-se dizer que o palhaço foi um personagem de criação do circo moderno. O palhaço passa a fazer graças em cima dos cavalos, caindo, montando desajeitado.

Os primeiros palhaços de circo, os cômicos a cavalo, saídos das escolas de equitação e treinamento militares, cuja atuação consiste em apresentar, através da atuação de personagens simplórios ou blasé, os diversos modos de se montar errado um cavalo, são acompanhados por esse palhaço de cena que atua dialogando com o apresentador do espetáculo, ou o mestre de cerimônias. [...] Com a mesma função do palhaço a cavalo, o palhaço de cena, atrapalhado e estúpido, surge como um contraponto ao apresentador, na tentativa de distrair o público entre um número e outro. Os dois inauguram o que se torna uma marca do palhaço de circo: a dupla cômica. (ACHCAR, 2007, p. 49-50).

O palhaço do espetáculo sempre terá outro palhaço para encenar junto com ele, pois é onde está a graça. Um dos personagens, o Clown branco, será aquele que tem o poder, a inteligência, a ordem; e o outro, o Augusto, o bobo, estúpido, tolo, distraído. Um depende do outro, não tem como pensar no espetáculo somente com um deles. Os dois se completam.

O palhaço começou então a fazer outros tipos de atividades, não somente atuar sozinho. Alguns palhaços começaram a juntar duas coisas: a arte de atuar, fazendo graça, coisas ridículas, que vão causar o riso nas pessoas, ou então começam a participar de espetáculos dos outros artistas, como os malabaristas, no qual eles vão se misturar aos acrobatas de forma ridícula. Eles foram se adequando conforme a necessidade da cena circense.

1.3 O Palhaço para além do circo

O palhaço começa a sair de dentro do circo e ir para fora dele, atuando em meio às zonas de conflitos e instituições disciplinares. Em algumas situações, ele começa a voltar para suas origens, pois ele começou nas feiras, ruas, nas cortes, e assim conquistando seu lugar dentro dos circos. Mas alguns palhaços começam a perceber que se pode buscar o riso além das lonas do circo, e começam a conquistar outros espaços.

A partir disso, o palhaço se torna um produto de consumo, pois além dele estar nas ruas, teatros, ele passa a aparecer na televisão e no cinema.

Como o palhaço é aquele que vai buscar o riso além de tudo, percebeu-se que ele poderia atuar dentro de instituições.

Segundo Achcar (2007, p. 53), "rir fortalece o sistema imunológico, ajuda a manter a saúde". Sendo assim, por que não pensar no palhaço dentro de certas instituições, onde existem pessoas que estão enfermas, como nos hospitais, e tentar através das atuações ridículas, roupas extravagantes e o nariz vermelho, buscar o riso na pessoa. Fazer com que naquele instante que o palhaço está com a pessoa enferma, ela esqueça tal problema e ria.

Segundo Achcar (2007), nomear esse tipo de palhaço, como o "palhaço humanitário", não é o fato de como ele se comporta, mas sim como ele atua dentro desse tipo de ambiente. Esse tipo de palhaço, que atua nos hospitais, não trabalha como médico, nem assistente social, não tem direito de executar curativos, e nem mesmo prescrever medicamentos. O palhaço que atua nesse tipo de instituição tem somente o direito de levar a diversão, proporcionar alguns instantes de muita festa, pois as pessoas que estão nesse lugar, estão submetidas à dor, ao medo e à monotonia em suas vidas.

O palhaço humanitário também não é um herói. Como todo o palhaço, ele é antes de tudo um homem que se presta ao ridículo. O que confere certo status à sua ação é apenas o fato de ele ser o veículo de um conforto que não podemos ver nem tocar, do conforto interior, insubstituível, espiritual. Não podemos viver sem o pão. Não podemos viver sem o riso. (ACHCAR, 2007, p. 54-55).

O palhaço dos hospitais, como todos os outros palhaços, tem o objetivo de obter o sorriso da pessoa, não importa como isso será feito, se vai se prestar ao ridículo ou não. O que importa é o que a presença do palhaço vai causar na pessoa. Nesse caso, o palhaço, na intervenção com a pessoa, faz com que ela esqueça e se distancie, mesmo que por alguns instantes, da dor, do sofrimento. A retribuição que a pessoa vai dar pode ser consciente ou inconsciente, pode ser com um simples sorriso, uma gargalhada ou um olhar diferente. Isso vai depender de cada pessoa, dando assim um primeiro passo para superar o sofrimento. Mesmo que ao palhaço ir embora o sofrimento volte à tona, pode-se dizer que um alívio foi causado, trazendo uma vontade de tentar viver maior.

Um dos mais famosos palhaços de hospital foi Patch Adams, um médico que, a partir de suas experiências na universidade, percebeu que os pacientes, além de suas doenças, eram humanos e necessitavam de atenção, já que estavam em um ambiente desfavorável e sofrendo. Então resolveu intervir no ser humano,

valorizando, fazendo coisas que para algumas pessoas podem ser tolas, mas que para os pacientes faziam de alguma forma diferença.

A vivência de humor que ele propõe, pode despertar sentimentos de solidariedade, de amizade, de respeito e de amor ao próximo, mas ela pode existir sem que todos estes componentes estejam necessariamente presentes. Rir com o palhaço é a possibilidade de rir de si mesmo sem culpa nem compaixão. (ACHCAR, 2007, p. 58).

Já no Brasil existem os Doutores da Alegria, que é um grupo de palhaços que são formados em artes cênicas, pois eles acreditam que para trabalhar dentro do hospital tem que se ter uma formação, e depois que estiver atuando dentro dos hospitais, eles ainda devem estar em formação continuada, e passar por um treinamento para exercer tal trabalho.

O palhaço passa então a não somente trabalhar dentro dos hospitais; ele também vai trabalhar em escolas, escolas especiais, abrigos, asilos. Ele passa a trabalhar em todos os tipos de lugares que também sentem a mesma necessidade que os hospitais, pois têm um público que necessita de atenção, quer pela monotonia da vida quer pelo desgaste. E o palhaço surge como um tipo de válvula de escape. buscando mais uma vez, através da brincadeira e do seu jeito desajeitado e extravagante, o riso.

CAPÍTULO II

*"Viver é envelhecer, nada mais".
(Simone de Beauvoir).*

2 Envelhecer, uma fase temida

Essa é uma etapa da vida do ser humano entendida como fase final; fase na qual o ser humano já está debilitado para realizar certas atividades, e essa debilidade pode ser tanto física quanto mental.

Envelhecer é um processo natural que caracteriza uma etapa da vida do homem e dá-se por mudanças físicas, psicológicas e sociais que acometem de forma particular cada indivíduo com sobrevida prolongada. É uma fase em que, ponderando sobre a própria existência, o indivíduo idoso conclui que alcançou muitos objetivos, mas também sofreu muitas perdas, das quais a saúde destaca-se como um dos aspectos mais afetados. (MENDES et al., 2005, p. 423).

De acordo com Mendes et al.(2005), apesar de ser uma etapa ou um processo natural, a pessoa que está vivenciando essa fase pode não estar preparada para aceitar, pois a pessoa idosa se coloca a pensar que antes tinha a disposição, por exemplo, de executar várias tarefas, ter o pensamento rápido, ter a memória boa, e com a idade isso pode ir se perdendo. Assim, o idoso necessita de uma atenção maior, mas pode acontecer que as pessoas a sua volta não estejam preparadas para lidar com isso, não estejam dispostas a contribuir para ajudar a pessoa idosa nessa nova etapa de vida.

São várias as formas de se classificar a pessoa de mais idade; isso foi mudando durante todo o tempo.

O termo velhice pode ser considerado como quase proibido de se usar, pois segundo Palacios (2006), o termo terceira idade é mais adequado. Essa é uma fase onde já existem alguns temores sobre a morte, doenças dessa fase e em relação ao corpo e a aparência, que já não é mais a mesma de antes. Surge então o termo terceira idade, que apesar de ser classificado como fase final de vida, faz "abafar" alguns temores que retratam essa fase, tornando um termo mais apropriado para expressar essa etapa da vida que é temida por todos. A palavra velhice pode ser entendida por algo velho que não tem mais uso, e que não está em bom estado. E

isso nos dias atuais é um problema, uma vez que as pessoas estão indo em busca da perfeição e da juventude, tornando assim o que Papalia (2006, p. 12), caracteriza como "um comportamento ativo de combate à velhice e/ou que o estado de ser velho deve sempre ser acompanhado da busca pela conservação da juventude". Isso é o que está em alta nos dias de hoje; pode-se dizer ser velho é ruim, e que a aparência é essencial para ser bem visto na sociedade. Essa busca constante pela juventude é mais importante do que tentar se adequar a essa nova etapa da vida e às consequências que ela traz.

Existem muitos termos para classificar essa fase da vida do ser humano, como "melhor idade", "envelhecer", "idoso", "velho" que também são usados para classificar a pessoa de mais idade. Todos esses termos têm significados e sentidos diferentes apesar de retratarem uma mesma fase da vida.

Segundo Vargas (1983), a vida humana é dividida em fases. A primeira é chamada de Puerícia, que caracteriza o primeiro ano de vida; a segunda fase é a Infância, que se dá dos dois aos doze anos; a terceira fase é a Adolescência, que se dá dos doze aos vinte um anos; a quarta fase é classificada por Maturidade, dos vinte um aos sessenta e cinco anos; e a quinta fase, que é a Velhice, que se dá dos sessenta e cinco anos em diante.

Com base no Dicionário Aurélio, as palavras envelhecer, velho, idoso e velhice são palavras para classificar aquele que se tornou velho, quem tem bastante idade, quem é muito idoso, veterano e que está em estado ou condição de velho, ou seja, pessoas que viveram muito e vivenciaram muitas coisas e estão em uma nova etapa de vida, porém por alguns autores classificada como última. (FERREIRA, 2001).

[...] envelhecimento representa uma época sombria, decrépita, repleta de temores da morte, de acometimento de doenças, que culmina com o isolamento do indivíduo dos processos de socialização, em sua fase final de vida. (PALACIOS, 2006 , p. 2).

Com base no trecho acima, pode-se pensar que apesar de ser uma fase natural do ser humano, essa é uma fase da vida que causa certo sofrimento para quem está passando, principalmente em relação à questão da morte. Papalia (2006, p. 489) "vai dizer que a morte vai trazer uma grande preocupação nesse último capítulo da vida".

Apesar das diferenças culturais em relação ao envelhecimento, em todas as sociedades conhecidas se considera a velhice como ante-sala da morte, lugar que se habita de diferentes modos, porém leva sempre à marca do iniludível. (GOLDFARB, 1997, p. 61).

Essa questão da morte é um fato que a maioria dos seres humanos teme, apesar de ser um fato inevitável. Saber que se está diante da morte e não ter outra saída causa medo e estranhamento. Apesar disso, há exceções; existem pessoas que aceitam com tranquilidade, sabendo que já conquistaram vários objetivos, vitórias, criaram filhos e aceitando a morte como outra etapa da vida.

Apesar de a morte ser pertencente ao ciclo da vida, no século XVIII e XIX, as pessoas não aceitavam essa ideia, acreditando que a morte seria um obstáculo que eles poderiam evitar.

A velhice, a longevidade e a morte eram estudadas a partir de questionamentos médico-filosóficos. A partir do surgimento da medicina moderna, tende-se a estudar a velhice e o processo de envelhecimento como problemas clínicos, certezas biológicas e processos invariáveis. A morte passou a ser vista, então, como resultado de doenças específicas da velhice; a longevidade possui limites biológicos insuperáveis; a velhice é a etapa necessária da vida na qual o corpo se degenera. (SILVA, 2008, p. 158).

A gerontologia foi o primeiro saber a estudar essa fase da vida; a geriatria somente apareceu no século XX, quando eles chegaram ao conhecimento, através da medicina moderna, do processo de degeneração do corpo.

Ainda no século XIX, o envelhecimento se tornou um problema, pois as doenças surgiam em virtude da pessoa estar velha e, conseqüentemente, isso a levaria à morte.

A partir desse pensamento, esse processo de envelhecimento se tornou objeto de estudo, quando então se deu o nome a esse ramo da medicina de geriatria, cujo foco era o estudo específico dessa etapa de vida, a velhice. A partir de estudos baseados em uma lógica médica de observação dos corpos, que afirmava que estes, no decorrer da vida sofriam mudanças, a geriatria, especificamente, apontava o corpo do velho como aquele que vai se degenerando com o passar dos anos. A partir de então, esta especialidade vai ditar e propor discursos e práticas intervencionistas no sujeito velho. Mas a geriatria surgiu para explicar através da anatomia do corpo e das células o processo que o corpo sofre conforme vai se

desenvolvendo. Com essa ideia, a velhice podia se diferenciar das outras etapas da vida a partir do saber médico.

Segundo Silva (2008), os estudos sobre a velhice não são somente estudar o envelhecimento físico, mas também a influência social e a experiência de envelhecer. Com isso, a gerontologia surgiu como disciplina especializada para levar em consideração não só o físico, mas também o social e psicológico. Foi guiada a ser um saber multidisciplinar que vai levar em consideração os aspectos psicossociais dessa fase.

Mas tem todo um contexto histórico para explicar sobre como surgiu o termo velhice e depois passou a ser usado o termo terceira idade. De acordo com Silva (2008, p. 156), "o surgimento de categorias etárias relaciona-se intimamente com o processo de ordenamento social que teve curso nas sociedades ocidentais durante a época moderna". Além de social, os fatores que também contribuíram para a história do envelhecimento foram os aspectos culturais, políticos, econômicos, entre outros.

2.1 Da velhice à terceira idade

A pessoa quando adquire uma certa idade, quando fica mais velho, passa, muitas vezes, por ser excluído e ser tratado com indiferença pela sociedade.

[...] o idoso é visto na sociedade atual, sendo tratado com indiferença acaba por reduzir ainda mais a sua já abalada auto-estima, contribuindo, portanto, para a sua própria exclusão. Esta é uma luta de classe, onde o idoso é estigmatizado pelos padrões culturais; a sociedade capitalista transformou as pessoas em mercadorias, fixando idades, critérios para cada faixa etária da vida. (SIGRIST apud FREITAS; COSTA, s/d, p. 203).

Com base no trecho acima, a sociedade capitalista teve uma contribuição muito grande para essa situação, quando se começa a fazer divisões de idade, tornando o idoso mais desvalorizado, pois entra a questão do trabalho que ele já não está apto a desenvolver como antes. De acordo com o discurso médico, a velhice é resultado de um corpo envelhecido, onde há um desgaste tanto mental quanto físico, fazendo com que a pessoa seja vista pela sociedade como algo improdutivo.

Segundo Silva (2008, p. 160), "a velhice dos trabalhadores foi assimilada à invalidez, ou seja, à incapacidade de produzir". Com isso começou por atingir a classe de trabalhadores, fazendo com que toda a forma de invalidez fosse generalizada e então classificando como velho sendo assim no fim da vida e tornando-os improdutivos para o sistema.

Como nos mostra, uma passagem do diário de bordo, em um momento de intervenção de palhaços em um asilo:

Pensando em se sentir útil, ou mostrar que ainda é capaz de realizar alguma atividade, um dos idosos dançava muito, "meio duro", sem ritmo, pulava, e chamava a atenção dos palhaços, e quanto mais nós olhávamos para ele, mais ele se empolgava, mesmo cansado, que dava para notar, ele não parava. (DIÁRIO DE BORDO, fevereiro, 2013).

Esta ideia de que qualquer homem que estivesse velho estaria inválido, serviu, pode-se dizer, de inspiração aos chefes de empresas para que se criassem o sistema de aposentadoria.

Os sistemas de aposentadoria surgiram como parte de um espectro mais amplo de preocupações que tomavam conta do cenário francês desde a segunda metade do século XIX e que diziam respeito à contenção do 'perigo social' representado pela massa de trabalhadores. As caixas de aposentadoria e os sistemas de seguro incluem-se na estratégia formulada pela política francesa cujo propósito era responder ao que era considerado o grande problema social da época. (SILVA, 2008, p. 160).

De acordo com Silva (2008), esses sistemas foram criados a partir de uma movimentação política feita entre as classes dominantes. Essa nova criação foi uma forma de amparar os trabalhadores que já estavam com certa idade e eram considerados inválidos. Essas caixas de aposentadoria tinham a finalidade de reduzir os custos de produção, pois assim tiravam os trabalhadores velhos e davam essa pensão, pois essas pessoas já não estavam rendendo no trabalho, e já não compensavam à pagá-los.

Ser uma pessoa aposentada era um dos motivos para ser considerado como inválido. Esse é o momento da vida em que o ser humano necessita de mais compreensão, onde o homem faz do trabalho uma forma de mostrar que é capaz e que faz parte da sua identidade. Então chega a velhice, torna-se aposentado, e isso lhe torna um ser incapaz, fazendo-o sentir que já não "presta para nada".

Segundo Silva (2008), foi a partir das instituições de aposentadoria que a velhice começou a fazer parte de uma categoria política, pois a partir de então as pessoas foram em busca dos direitos. A velhice passa então a ser considerada como categoria social.

Os sistemas de aposentadoria se estendem a todas as classes de trabalhadores, reorganizando os agentes de gestão da velhice, o que corresponde à ampliação do tema como problema social e à substituição gradativa de assistência e asilo pelas caixas de aposentadoria e pelos centros de geriatria. A associação entre velhice e indigência é desfeita e surge uma nova categoria, a 'terceira idade. (SILVA, 2008, p. 162).

Com isso, na década de 60, surge o termo terceira idade, que foi uma forma mais adequada de chamar a pessoa velha fazendo ela se sentir como um jovem senhor, sendo que chamar de velho seria dizer que já não estava bom para nada e caracterizaria a pessoa como decadente e improdutivo para o trabalho. Assim, a denominação velha já não era mais adequada, e surge a denominação idoso, que seria uma forma mais respeitosa de tratar a pessoa com mais idade.

Com o tempo o termo velho vai desaparecendo, e passa a ser substituído por idoso. O termo terceira idade se torna público, tornando assim as pessoas aposentadas mais respeitadas e a velhice uma fase de se viver bem.

Segundo Marques (s/d), com o passar dos anos a população vai crescendo cada vez mais, e isso faz com que as organizações internacionais, como Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização das Nações Unidas (ONU), comecem a criar objetivos para fazer com os países desenvolvidos adotem práticas para o enfrentamento dessa população idosa, incentivando um envelhecimento saudável, buscando direitos e a dignidade para esse público.

2.2 O idoso institucionalizado

Mesmo que existam várias leis e estatutos que foram feitos para preservar os direitos dos idosos, ainda existem pessoas que abandonam os idosos, que os maltratam e não conseguem ter responsabilidade para cuidar da pessoa velha.

O silêncio social em torno da velhice expresso no abandono e no descaso dessa população apontava o modo pelo qual a sociedade tratava seus velhos: como um refugio. Essa era uma das faces da velhice, estigmatizada e indesejável, objeto de obras de caridade, confinada em asilos ou na solidão do desamparo familiar e social e preterida no âmbito das políticas públicas.(CORREA, 2009, p. 27).

As pessoas muitas vezes não conseguem ou não querem cuidar da pessoa idosa, pois ela necessita muitas vezes de uma atenção maior que um simples cuidado, dependendo de como ela está nessa fase da vida. Mesmo que o idoso não tenha nenhum tipo de problema físico, ele pode necessitar somente de carinho, afeto, e isso a família muitas vezes não consegue oferecer, e assim transferem o que a família pode entender como um problema para outra pessoa ou lugar, internando-os em asilos, abrigos, casa de repouso, entre outros nomes para esse tipo de lugar. Algumas mudanças na vida do ser humano vêm ocorrendo, tais como a forma de viver, que está muito mais atribulada. As pessoas têm muitos afazeres no cotidiano, levando à falta de tempo para o cuidado com essa pessoa idosa, levando esse idoso a uma instituição que possa dar esses cuidados que a família não pode oferecer.

A família brasileira tem se modificado com a modernização da sociedade. A inserção da mulher no mercado de trabalho, os contraceptivos, a redução do tamanho das famílias e a falta de tempo na vida atual vêm modificando a relação do cuidado. Somada a essas mudanças, a escassez de alternativas para as famílias manterem seus velhos em casa e a questão dos idosos sem referência familiar têm impulsionado a demanda por internações. (ARAÚJO; SOUZA; FARO, s/d, p. 252).

Assim, colocando essas pessoas em asilos, espera-se que o idoso seja cuidado por aquela instituição de uma forma agradável, pois a família e a sociedade não podem oferecer esses cuidados. "A instituição era um mundo à parte e ingressar nela significava romper laços com família e sociedade". (ARAÚJO; SOUZA; FARO, s/d, p. 253).

Segundo Araújo, Souza e Faro (s/d), o asilo teve o mesmo objetivo que os hospitais quando surgiram, pois ambos foram criados no intuito de abrigar idosos em situação precária. Antes não existia uma instituição somente para os velhos; o que acontecia era que todas as pessoas em situação de exclusão social eram colocadas nessas instituições assistenciais que abrigavam pessoas pobres, pessoas que pudessem trazer algum mau exemplo para a sociedade.

Quando não existiam instituições específicas para idosos, estes eram abrigados em asilos de mendicidade, junto com outros pobres, doentes mentais, crianças abandonadas, desempregados. Em fins do século XIX, a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo dava assistência a mendigos e, conforme o aumento de internações para idosos passou a definir-se como instituição gerontológica em 1964. (ARAÚJO; SOUZA; FARO, s/d, p. 253).

Apesar dos asilos terem sido criados para que esses idosos possam ser colocados nessa instituição para receber cuidados que a família não pode oferecer e também para que possam se sentir como se estivessem em sua casa, alguns problemas ainda persistem em relação ao idoso institucionalizado, e o idoso pode não se sentir a vontade dentro daquela instituição.

O idoso asilado é obrigado a conviver com pessoas que não têm nenhum tipo de vínculo com ele, e a cumprir regras, normas, horários e todos os funcionamentos dessa instituição. Querendo ou não, o idoso acaba por ser afastado do meio social, ou esquecido pela sociedade.

Segundo Araújo, Souza e Faro (s/d, p. 257), "as instituições asilares constituem a modalidade mais antiga e universal de atenção ao idoso fora de sua família, mas têm como inconveniente conduzi-lo ao isolamento e à inatividade física e mental".

Com isso, pode-se perceber que o idoso colocado dentro dessas instituições fica sem muito o que fazer no seu dia-a-dia, pois ele não pode sair daquele ambiente. Alguns asilos disponibilizam atividades durante a semana para que a vida do idoso naquele espaço não se torne monótona, mas em outras situações não têm nenhum tipo de atividade, nenhum tipo de trabalho que o faça se sentir útil, e não o faça se sentir como um indivíduo incapaz, como aquele que no século XIX sofreu diante dessa questão.

CAPÍTULO III

*"Rir não é o melhor remédio. A amizade
claramente é o melhor remédio".
(Patek Adams)*

3 As novas cortinas se abrem para o Palhaço

A partir dos capítulos anteriores, foram abordados aspectos relacionados à história do palhaço e, posteriormente, à construção e produção da velhice. Neste momento, a proposta do presente texto é retomar, brevemente, aspectos da atuação do palhaço em instituições para, em seguida, trazer alguns trechos produzidos no diário de bordo, que apresentam alguns dos efeitos deste encontro do palhaço com o idoso.

O palhaço nos dias de hoje vem sendo reconhecido de formas diversas; essa figura cômica vem adquirindo cada vez mais espaço, diferente de outros tempos. O palhaço pode estar em quase todo lugar, desde programas de televisão até nas ruas, fazendo propagandas para lojas, ou até mesmo fazendo o que ele sabe fazer de melhor, contagiar as pessoas buscando o riso em cada uma delas.

Vivemos hoje uma época em que se multiplicam os tipos e as formas de ser palhaço. Há palhaços no cinema, na televisão, no meio da rua vendendo as maravilhas de alguma liquidação, palhaços de hospital, de presídio, palhaços de palco e os de picadeiro. Há cursos de palhaço, oficinas, encontros, seminários, teses de mestrado e muitos livros sobre o assunto. (CASTRO, 2005, p. 206).

Anos se passaram e esse personagem ainda busca o mesmo objetivo, o riso. Porém agora ele tem um público maior. Apesar de sua figura ter se disseminado através do circo, ele foi em busca de novos horizontes, e assim, a cada passo dado, essa figura cômica vem ganhando novos campos de atuação sendo "idolatrado" pelo público.

A televisão é um dos meios de comunicação que abriu espaço para o palhaço. Vários destes personagens tiveram espaço neste meio, dentre os mais conhecidos estão, por exemplo, o palhaço Carequinha¹, o Bozo², Arrelia³, a Vovó

¹ Palhaço Carequinha, um dos mais famosos e tradicionais palhaços do Brasil.

² Bozo, um palhaço que foi criado em 1946, nos EUA, e teve sua versão brasileira em 1991 e um programa de televisão.

Mafalda⁴, dentre outros. Atualmente existe um programa de televisão para eles atuarem; e esses personagens adquiriram fama e são admirados pelas crianças. Há ainda filmes que mostram a vida, a trajetória, a história dessa figura cômica. Antes, quando o palhaço era um dos personagens do circo, o mesmo já era admirado pelo público; agora, o artifício televisivo ajudou para que essa disseminação ocorresse, fazendo com que se ampliasse mais o trabalho desse personagem, e quais as áreas, ambientes em que eles possam trabalhar, além do circo.

Na sequência, alguns exemplos de figuras de palhaços como ilustração. Podemos ver na figura 3, Ronald Mcdonalds, um dos palhaços mais famosos no meio publicitário, da maior rede de fast food, Mc Donalds. (DIÁRIO..., s/d). Na figura 4, Palhaços da televisão atualmente muito conhecidos como Patati Patatá, que têm um programa de televisão. (FOTO..., s/d). Na figura 5, Selton Melo, com seu personagem de palhaço, no filme O Palhaço, através do qual ficou conhecido no mundo do cinema (O GLOBO..., s/d). A figura 6 ilustra um trabalho de palhaços na rua, Palhaço Xuxu. (FESTIVAL..., s/d). A figura 7, os Doutores da Alegria em um trabalho no hospital. (FIAMFAAM..., s/d).



A utilização da arte como ferramenta e meio de atuação nas instituições é uma técnica relativamente recente. Dentre as diversas formas artísticas, a figura do palhaço está presente dentro de instituições assistenciais. Até mesmo em fóruns de empresas esse personagem já está começando a atuar, com o intuito de ir até a

³ Palhaço Arrelia, inventou o bordão "como vai, como vai, como vai?Eu vou bem, muito bem, bem, bem!".

⁴ Vovó Mafalda, começou como parceria de palco do Bozo.

instituição, onde as pessoas estão tensas, com a proposta de que sua figura, mesmo que por alguns instantes, possa causar nas pessoas um alívio, para que elas saiam da rotina estressante do trabalho. Ou seja, como amenizador das tensões institucionais.

Segundo o site dos Doutores da Alegria, o trabalho que realizam nas empresas tem o mesmo foco, o mesmo objetivo de outro trabalho. Eles declaram que " Acreditamos que a intervenção cênica do palhaço em caráter regular pode inspirar pessoas, e pessoas inspiradas, por sua vez, podem promover verdadeiras transformações". (DOUTORES..., s/d).

Esses palhaços, para além do circo, têm a mesma intenção, que é de buscar o riso. Mesmo em situações extremas, esse personagem busca de alguma forma atingir beneficentemente a pessoa institucionalizada, e transmitir a ela um sentido, uma emoção, um sentimento, efeitos, qualquer vestígio de sentimento que para a pessoa, independente da situação que ela se encontra, possa deixar uma "cicatriz".

Esses palhaços que intervêm nessas instituições assistenciais vêm ganhando um grande reconhecimento, e há trabalhos em vários lugares do país, onde existem muitos grupos de palhaços que atuam com esse objetivo. Entre eles, um dos mais conhecidos são os já citados Os Doutores da Alegria, que realizam esse trabalho há 21 anos.

Os Doutores da Alegria fazem parte de uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, mantida por patrocinadores e sócios mantenedores, que realiza cerca de 50 mil visitas por ano a crianças hospitalizadas no Estado de São Paulo, Rio de Janeiro e Recife. Tal iniciativa possui como objetivo principal proporcionar alegria às crianças. (OLIVEIRA, 2006, p. 232).

Os Doutores da Alegria têm uma experiência maior, em relação ao hospital, junto às crianças hospitalizadas, levando em consideração a família e os funcionários, mas o reconhecimento que eles tiveram foi por fazer trabalhos com crianças. Esse trabalho foi implantado a partir de 1991, quando Wellington Nogueira, após uma experiência com um grupo de palhaços americano, teve a ideia de trazer esse trabalho para o Brasil, formando então o grupo Doutores da Alegria.

Em 1998, foi lançado o filme baseado na história de Patch Adams, "O Amor é Contagioso". O protagonista do filme foi Robin Williams, que faz o papel do Patch Adams. Conta a história de um homem que sofreu algumas perdas durante a vida, encontra-se num estado de depressão profunda e decide se internar em uma clínica

psiquiátrica. Com essa experiência ele descobre que dentro daquele ambiente existem pessoas com mais problemas que ele, então resolve ajudar o próximo e decide sair do hospital e ingressar na faculdade de medicina. Com as aulas ele percebe que os médicos tratam os pacientes pela sua doença e não pelo nome; a relação do médico com o paciente é fria, e a partir daí ele começa a fazer algumas visitas escondidas, pois ele ainda está no primeiro ano de faculdade e não pode realizar trabalhos no hospital. Ele a cada dia faz visitas aos pacientes, levando para cada um o que eles desejam.

Esse filme foi um grande disparador nas pessoas dessa vontade de fazer esse tipo de intervenção, e assim vários grupos, em várias cidades do país, começaram a realizar esse trabalho nos hospitais.

Figura 8: O palhaço mais famoso, que começou os trabalhos em hospitais, Patch Adams.



Fonte: (O POVO..., 2011).

É importante, entretanto, observar que em uma entrevista ao programa Roda Viva, na Cultura, exibido dia 9 de abril de 2007, Patch Adams conta sobre seu trabalho e faz uma crítica em relação ao filme, que é baseado na sua vida. Quando questionado sobre a sua opinião sobre o filme "O Amor é Contagioso", diz ter ficado constrangido, no início.

Sou ativista político, trabalho pela paz e pela justiça, considero fascista o meu governo. Se não mudarmos de uma sociedade que venera dinheiro e poder, para uma que venera compaixão e generosidade, não haverá esperança para a sobrevivência do ser humano neste século. (CULTURA, PATCH..., 2007).

Patch Adams critica a forma como Hollywood fez o filme, dizendo que não foi inteligente a forma como foi feito: "o filme pode ter sido bonitinho, mas não vai fazer o Brasil querer alimentar todos os cidadãos famintos e parar de desmatar o rio Amazonas" (CULTURA, PATCH..., 2007, s/p). Patch Adams (2007) deu a entender que o filme, pode ter mostrado cenas bonitas, mas não teve a intenção de fazer com que as pessoas se comovessem com isso e pensar em ajudar ao próximo, Hollywood pensou em vender ingressos somente isso.

Ele afirma que o filme "A vida é bela", de Roberto Benigni na Itália, é uma versão bem mais inteligente, com uma mensagem parecida. Patch Adams quer dizer que Hollywood quis fazer um filme para ser comercializado, e não fazer com que o filme mexesse de alguma forma, fazendo com que as pessoas se conscientizassem em relação ao próximo. Esse sentimento pode ter até aparecido em algumas pessoas, mas porque elas sentiram que deviam fazer isso, não que Hollywood tenha tido essa intenção. Hollywood teve a intenção de fazer o filme vender ingressos e lucrar com isso, mais nada. Na mesma entrevista, Patch Adams conta que o filme ajudou e incentivou muitos grupos de palhaços do mundo a irem trabalhar nos hospitais. Teve um lado bom nisso, pois pessoas ligam para ele e falam que depois que assistiram ao filme mudaram a forma de viver e pensar sobre o outro. "E assim, agora sinto mais respeito pelas consequências do filme e não pela inteligência do filme". (CULTURA, PATCH..., 2007, s/p). Conta também que a história foi mudada, alguns acontecimentos ocorreram e foram modificados, e outros não ocorreram.

Na mesma entrevista, quando questionado sobre a questão de o filme ter ajudado a receber mais doação, a erguer os hospitais que estão em seus cuidados, ele responde que ele só aceitou fazer o filme porque não conseguiu arrecadar dinheiro durante 28 anos para erguer o hospital que seria modelo para os problemas que ele ouve falar e ninguém quis ajudá-lo.

A Universal Studios, que produziu o filme, prometeu erguer o hospital, porém o filme rendeu mais de 400 milhões de dólares e ninguém ligado ao filme ajudou nem com 1 dólar. Apesar disso, o filme trouxe uma grande ajuda, uma vez que após sua exibição, pode fazer mais apresentações; e que antes do filme recebia por ano 300 mil dólares, e depois do filme ganha 1 milhão de dólares por ano e doa tudo para os trabalhos, pois decidiu não possuir nada. Mas para erguer o hospital que ele tanto quer, ainda não conseguiu o dinheiro necessário.

Ainda na entrevista, Patch Adams esclarece algumas questões em relação ao que dizem a ele. Muitas pessoas falam que rir é o melhor remédio, e ele diz que nunca disse isso. E o que ele diz é que a amizade é o melhor remédio. "É a coisa mais importante na vida. São nossas relações com aqueles que amamos". (CULTURA, PATCH..., 2007).

Por essa questão que quando estamos em um ambiente, quando estamos em contato com o outro, não devemos dar valor somente no rir, e sim na relação que vai ocorrer naquele momento. O palhaço tem esse objetivo, tirar o riso do público, é natural então as pessoas entenderem que somente o riso vai fazer a diferença. O riso é uma expressão que vai mostrar que o trabalho do palhaço está alcançando o seu objetivo, mas somente isso não basta. A relação daquele momento é que também vai ajudar para que o trabalho do palhaço em determinado local esteja no caminho certo.

Patch Adams comenta que depois do filme muitos grupos de palhaços começaram esse trabalho de intervir em instituições assistenciais.

3.1 Relatos de uma experiência

Seguindo a perspectiva, foi utilizada como metodologia a cartografia, que se utiliza da ferramenta diário de bordo, no qual serão registradas as percepções do pesquisador e anotadas as coletas de dados para que deem vida a essa pesquisa.

Nessa ciência, o olhar do cartógrafo é parte da construção daquilo que pretende apresentar. Seu percurso, cujas marcas estão registradas no caminho percorrido e em seu diário de bordo, é traduzido em cartas que apontam aquilo que vê e sente. (CORREA, 2005, p. 35).

É uma pesquisa que vai buscar, através da percepção do pesquisador, as relações e afetos construídos nesse encontro. "Na pesquisa cartográfica, o cartógrafo, parte integrante da investigação, não se pretende neutro e com um lugar pré-fixado" (CORREA, 2005, p. 36). Com isso, a partir do encontro entre o pesquisador e o campo de pesquisa, tenta mostrar a relação entre esses dois grupos, o palhaço e o idoso.

Há um ano, na cidade de Ourinhos, há um trabalho com o mesmo objetivo, com palhaços ditos humanitários, chamado SOS Alegria de Ourinhos. O grupo já

vem trabalhando desde 2004, quando foi fundado na cidade. Hoje se divide em grupos em várias cidades da região de Ourinhos, sendo elas Chavantes, Santa Cruz do Rio Pardo, Manduri e Ipaussu. Os locais de trabalhos realizados são em Hospitais, APAES, Hospital de Saúde Mental, Orfanatos, Asilos, Centro de Ressocialização, Lar dos adolescentes e Trabalho no Trânsito como orientadores, conscientizando as pessoas das leis.

O grupo, especificamente na cidade de Chavantes, onde realiza visitas em duas instituições, na APAE e no Asilo, deu início aos trabalhos em julho de 2012, com oito palhaças, todas mulheres, atuando no asilo, onde são feitas as visitas aos domingos, na parte da tarde, com normalmente uma hora e meia de trabalho.

O trabalho junto aos idosos é de música, onde eles dançam e cantam, ou somente observam de perto ou de longe, por ser um ambiente onde é muito silencioso, muito calmo e traz um sentimento de tristeza. A música foi uma forma encontrada de quebrar esse silêncio.

A relação estabelecida entre o grupo e os integrantes são visitas uma vez por semana. Eles acreditavam que não iríamos abandoná-los, e que sempre aos domingos teriam uma atividade, começando então uma relação de confiança. Em um domingo que faltamos e quando voltamos no próximo domingo, notamos que alguns idosos não conversaram como habitualmente, e alguns diziam estar bravos, por conta de os termos "abandonado".

"Alguns dizem que sentiram saudade e que choraram muito; um senhor fala e faz drama que ele chorou muito sentindo a nossa falta, e outros brigam por nós termos os abandonados".(DIÁRIO DE BORDO, setembro, 2012, s/p)

Conforme a relação foi se estabelecendo, foi notável a proximidade entre alguns palhaços e idosos, porém em virtude de outros afazeres, algumas pessoas se afastaram do trabalho, e depois, quando retornamos, aquele idoso que se entrosou mais com certa palhaça, questiona:

"Cadê as outras meninas? Elas não gostam mais da gente? Elas abandonaram a gente".(DIÁRIO DE BORDO, dezembro, 2012, s/p).

Mesmo que haja conversas na tentativa de explicar as razões, a sensação de abandono é a que prevalece, pois a experiência do abandono talvez seja uma das mais decorrentes na instituição asilar. Alguns idosos que ali estão foram colocados pela família, e percebem este local como um local de abandono, o que não é impertinente. Essa questão do abandono os rodeia a todo momento.

Torna-se uma problemática social e familiar na medida em que é uma questão de difícil gestão porque, associada à institucionalização do idoso, surgem muitas vezes tensões familiares, sentimentos de culpa partilhados pela família e, não raras vezes, abandono, isolamento e dificuldades de adaptação ao meio institucional. (CARVALHO, 2011, p. 166).

No interior do ambiente asilar é recorrente a sensação de tristeza, uma espécie de vazio, percebida nos olhares, nos gestos, no andar solitário, no silêncio. E encontrar um visitante é raro, e aquele que por ventura passa a frequentar o espaço com uma certa rotina, cria um certo apreço, como é o caso do artista (palhaço), que está ali e oferece uma atenção. A ausência neste espaço construído tende, pois, a remeter ao mesmo modo, quando a família resolveu ali deixá-lo.

Essa relação entre os idosos e os palhaços é aparentemente de muita importância, pois, por se sentirem sozinhos nessa fase, eles encontram em nós o acolhimento que eles querem, a atenção, ou mesmo uma característica, a semelhança que lembra os filhos.

Quando estávamos tirando fotos do encontro, tirei uma foto de um senhor de cadeira de rodas, junto com uma palhaça, ele me pediu para que levasse a foto no próximo domingo, pois a palhaça parecia muito com a filha dele. (DIÁRIO DE BORDO, outubro, 2013, s/p).

Esses encontros poderão permitir muitas lembranças em ambas as partes, mas principalmente nos idosos, até porque alguns nos veem como filhas, ou então lembra uma namorada, amiga, ou mesmo alguns idosos falam que se fossem mais novos, eles investiriam em nós. Mas são sentimentos que variam em cada pessoa; o que vai valer é a relação, e isso faz eles terem essas lembranças. É uma relação muito grande, pelo fato de nos verem como filhos, e tem como um dos objetivos fazer com que eles não se sintam isolados.

A qualidade de vida dos idosos institucionalizados, além do acolhimento na instituição, depende também do convívio de pessoas próximas, através de amigos ou familiares, de forma a evitar o estado de solidão ou isolamento que muitos vivem devido ao afastamento destas pessoas. São de suma importância as ligações afectivas próximas. (CARVALHO, 2011, p. 165).

Esses encontros tem essa finalidade, mas também existe uma relação construída e efeitos para ambos os lados. A relação produzida durante esse ano de trabalho nos impõe a pensar a questão de acolhimento, os diversos modos de

implicação com o trabalho e os efeitos diversos. A acolhida é também do idoso em relação ao palhaço.

Em um dos encontros, notei que uma senhora, que é difícil que ela fique perto de nós, no nosso "cantinho", ela se sentou no banquinho, e ficou o tempo todo ouvindo as músicas, e sorrindo, quando eu chagava perto dela, chamei para dançar, mas não quis, só queria observar. (DIÁRIO DE BORDO, outubro, 2013, s/p).

São em momentos como esse que se nota que mesmo que demore um pouco, a relação entre os palhaços e os idosos se constrói de forma singular; surge um efeito, pois a partir do momento em que se estabelece uma confiança no trabalho, e que estamos dispostos àquele encontro, disponíveis para sentimentos, reações, emoções, acolhimento, momentos em que estabelece uma confiança faz com que a relação idoso e palhaço deixe um "gosto de quero mais", e a vontade de voltar no próximo domingo para concretizar mais essa relação.

Falo na questão de ser um bem para o idoso, ou de causar nele algo que foi benéfico em algum sentido para ele, pois no mesmo dia que essa senhora ficou perto da gente, quando me despedi dela, ela me disse assim, "vocês vão voltar né, domingo que vem, porque foi bom, eu gostei, tem que volta para alegrar a gente". Eu não podia imaginar que ela iria falar isso, pois ela sempre ficou quietinha, na cadeira dela, sempre no mesmo lugar, mas como cada encontro esperamos uma surpresa, nesse encontro teve esse. (DIÁRIO DE BORDO, outubro, 2013, s/p).

Em alguns encontros é notável a questão da lembrança. O idoso é uma pessoa que viveu muitos momentos que marcaram suas vidas, e nesses encontros com o palhaço eles comentam muitas coisas em relação ao passado. Alguns momentos do encontro fazem o idoso lembrar de algo, eles comentam, resgatando o passado.

Como sabemos, desde os primórdios, o homem civilizado já se preocupava em registrar sua história, sendo que para transmitir suas impressões e experiências, explicar os fatos e os fenômenos da natureza, acontecimentos, sentimentos, criou extraordinárias fontes literárias. Todos os fatos e lembranças eram transmitidos por meio da palavra que se alterava um pouco mais ou um pouco menos, mas conservava seus sentidos originais, por meio da sua imaginação. (FREITAS, s/d, p. 205).

De acordo com o trecho acima, podemos pensar que essa é uma forma que o idoso tem de transmitir aquilo que foi bom para ele.

Em um dos encontros, um senhor quando me viu chegar, foi buscar um álbum de fotografias, e conforme olhava as fotos, o idoso me contava as histórias das fotos. Conforme contava as histórias notei que os olhos dele estavam brilhando. (DIÁRIO DE BORDO, 2012, s/p)

"Essa moça, eu fugi com ela, pra gente fica junto". (DIÁRIO DE BORDO, novembro, 2012, s/p). O idoso, enquanto contava, ria muito da situação, e então um outro idoso que estava escutando a conversa já engatilhado na conversa, e começou a contar sobre suas aventuras amorosas. E conta,

Eu aproveitei muito da vida, não perdi tempo não, tive várias mulheres, de tudo que é tipo, de uma vez só, ficava com uma aqui, e deixava ela de lado, e ia com a outra, sai com mulheres casadas, solteiras, mas sempre muito bonitas. (DIÁRIO DE BORDO, novembro, 2012, s/p).

Nos encontros com esse mesmo senhor há uma receptividade, ele cumprimenta, elogia, e em um dia em específico ele surpreendeu. Olhou, começando pelos pés, até em cima, fixando nos meus olhos e diz, "Como você tá linda, meu Deus, eu casava com você agora". Quando eu perguntei se ele não achava que eu era muito nova para ele, o idoso diz, "Olha, mas eu ainda queimo muita lenha". (DIÁRIO DE BORDO, fevereiro, 2013, s/p).

Provavelmente a linha do desejo esteja muito presente em momentos dessas relações. A sexualidade, pois, seria um fator a ser discutido num ambiente asilar onde, provavelmente, não são criados espaços "privativos" para que os mesmos possam estar a vontade. A presença, neste caso específico, de meninas provoca muitas vezes formas diferentes de afeto. Fatos estes que não podem ser vistos como errados, pois essa sensação erótica é da ordem humana; e os locais em que ela aparece e se expõe não é pré- concebido. A mulher vestida de palhaça também pode provocar fantasias diversas no homem, ou melhor apontando, é o encontro da mulher, não é mais da palhaça que está em jogo. Não mais a palhaça, não mais a filha, mas uma mulher frente ao homem.

Segundo Lopes (apud JACOB, s/d), "enquanto o homem viver, seja qual for a sua idade, é capaz de sentir impulsos eróticos não existindo nenhuma idade em que a atividade sexual, os pensamentos ou desejo pelo sexo acabe". O idoso não expressou com palavras o desejo sobre o sexo, mas dizer " que ainda queima muita lenha" teve algo da sexualidade dele que aflorou naquele momento. Pode-se pensar que isso não está ligado ao sexo em si, pois sexualidade é muito mais que o ato de fazer sexo.

Segundo Souza (2009), sexualidade é a maneira como uma pessoa expressa seu sexo. É como a mulher vivencia e expressa o "ser mulher", e o homem, o "ser homem". Com isso podemos pensar que o idoso na verdade queria mostrar na fala dele que, apesar de estar velho, ele ainda era homem, e sendo homem, não deixou de ter vontades e desejos.

Nos encontros podemos notar que a questão da morte também está muito constante naquele ambiente, e até mesmo essa fase da vida traz essa questão, que a morte está perto, o medo da morte. Alguns idosos brincam com essa questão, mas outros temem.

Em um dos encontros notamos que aquele idoso que sempre fica alegre, quando estamos no asilo, que dança, sorri estava desanimado, em uma dança e conversa com umas das palhaças, ele disse que iria fazer uma cirurgia e que estava com medo, quando questionado medo de que, ele diz que estava com medo, com o tempo do encontro passando ele diz para a palhaça que estava com ele, "vô morre?", ele é um senhor que de acordo com a freiras do asilo, ele tem a mentalidade de uma criança de 4 anos, ele tem a fala infantilizada, não conhece cores, e parece mesmo que é uma criança, pela forma dele agir nos encontros. (DIÁRIO DE BORDO, dezembro, 2012, s/p).

Segundo Porcu (2002, p. 714), "a doença na terceira idade tem significados especiais, pois traz consigo o receio da dependência física, a desesperança em obter melhoras e a percepção do inexorável destino que se aproxima, a morte".

Com isso, existe o medo em muitos dos idosos sobre essa questão. Os idosos olham para trás e veem que viveram muitas coisas, presenciaram várias, mas nem por isso vão negar esse medo de morrer. Apesar de ser mais uma etapa da vida, onde o ser humano nasce, cresce e morre, é temida por todos.

O humano é o único ser que tem consciência da própria morte, sendo esta a causa de muita aflição para os indivíduos. Pensa-se em afastá-la da vida cotidiana, até porque a imagem que geralmente é passada pela mídia é de uma morte violenta, sofrida ao qual tem-se ojeriza. É comum que não se pense sempre na morte até porque se precisa viver e para distanciar-la faz-se uso de diversos mecanismos psicológicos, dentre eles: a negação, intelectualização, deslocamento. Mas o medo da morte persiste na maioria das pessoas. (OLIVEIRA, 2008, p. 32).

Como pode a morte ser um ciclo da vida do ser humano e as pessoas temerem tanto, até mesmo em falar sobre? Pode-se dizer que a morte é um desconhecido, é um questionamento de que o que pode vir depois da morte, o que

acontece depois que morre, para onde vai. Essas são muitas das questões que as pessoas se fazem e temem, por não terem uma resposta.

Mesmo que essa seja uma questão que rodeia muitas pessoas, principalmente os idosos, decidimos nesse trabalho tentar fazer com que, naquele momento em que estamos juntos, os idosos esqueçam qualquer tipo de questões que os aborreçam. Pelo menos naquele encontro, em que a relação que construímos e estamos construindo a cada dia que passa, traga muito mais emoção, sentimentos, efeitos, entre o idoso e o palhaço no asilo, e que essa relação seja benéfica para os idosos, por toda a questão discutida durante o trabalho, por eles estarem em uma fase onde a atenção que eles querem seja retribuída.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi levantar algumas linhas que discutissem os caminhos de construção do personagem risível por excelência, o palhaço, e seus espaços de atuação, para chegar ao espaço específico da instituição asilar. Tratou-se, pois, do processo histórico de constituição do palhaço e, num segundo momento, da produção social da velhice, e suas problemáticas emergentes. Por fim, a partir de novos espaços, tratou-se da experiência de uma intervenção em instituição asilar para pensar algumas linhas relacionadas aos afetos presentes no encontro entre essas duas figuras singulares: o palhaço e o idoso.

No primeiro capítulo foi discutida então a história do palhaço, antes do circo, como ele foi inserido no circo e como ele passa a atuar em instituições assistenciais. O palhaço foi um personagem tradicional e que está inserido há tempos em nossa cultura. Essa figura cômica, com o jeito todo desengonçado, roupas extravagantes e que faz graça com qualquer coisa, que busca através do ridículo o riso, foi adquirindo cada vez mais espaço no meio social. Sendo assim, algumas questões passam a se apresentar: Por que não fazer a pessoa institucionalizada rir? O que isso poderia causar nas pessoas? Com isso passou a atuar em hospitais e, pensando assim, o riso seria como um "remédio" para os enfermos, e assim fazer com que a pessoa institucionalizada possa rir e naquele instante que o palhaço está inserido a pessoa possa esquecer alguns de seus problemas.

No segundo capítulo foi discutido, o processo de envelhecer. O que isso pode causar na pessoa que está nessa fase? Apesar de ser uma fase pela qual a maioria das pessoas irá passar, ela é temida, pois estar nessa fase é estar perto da morte, e a morte é, geralmente, um assunto temido. Envelhecer é um processo da vida do ser humano, mas aceitar o envelhecimento é outra coisa. Aceitar que o corpo já não é o mesmo, aceitar que a disposição não é a mesma causa um sofrimento para o idoso. Pensar que a família não tem uma estrutura para cuidar desse idoso e, muitas vezes, o colocando dentro de instituições asilares, e assim tornando-se uma pessoa sozinha. Esse idoso terá pensamentos de abandono, e com isso ele acaba por se afastar tanto da família quanto do meio social, perde os amigos, e a liberdade, pois dentro de uma instituição tem que se seguir regras, horários e conviver com pessoas

que não conhece. Para muitos idosos isso causa um sofrimento ainda maior por estar nessa fase e por ter sido inserido em um ambiente desconhecido.

No terceiro capítulo foi discutido como o palhaço adquiriu muitos espaços e, um deles, as instituições assistenciais. Tenta mostrar através de trechos do diário de bordo a relação entre o palhaço e o idoso, e alguns efeitos que podem ser notados.

Por fim, pode-se supor que as razões que levam cada sujeito à instituição asilar são múltiplas. Todavia, é recorrente notar pensamentos que os levam a crer terem sido abandonados ou excluídos tanto pela família quanto da sociedade, o que os levam a se sentirem sozinhos, desamparados, ou mesmo não sentir diferença nenhuma. Às vezes, pode até ter sido melhor, dependendo de uma diversidade de condições, e isso vai variar de idoso para idoso, mas, na maioria dos casos, esse é o sentimento que o idoso apresenta; sentimento de perda. Perda de uma família, de um lar, dos amigos, da liberdade. Esta última, em especial, que muitos deles prezam: ser livre, ter o direito de ir e vir. E dentro das instituições isso muitas vezes não existe; eles podem ir e vir, mas dentro da instituição, sem poder andar fora daquele ambiente, a não ser que estejam acompanhados por algum responsável da instituição.

Com isso o idoso dentro daquela instituição, que muitas vezes não tem atividades diferentes para fazer e muitas regras a serem cumpridas, começa a sentir uma monotonia e, muitas vezes, sem ninguém para visitá-los, sem ninguém para dar a atenção. Neste contexto, então, abre-se um espaço para a ação dos palhaços humanitários, que tornam rotineiras suas visitas naquele ambiente, construindo e assim estabelecendo uma relação entre o idoso e o palhaço. Começa a se construir, neste contexto, uma rede de relação onde há um interesse mútuo, para que o encontro aconteça tanto do palhaço, com seu "novo público", quanto do idoso que o espera.

O palhaço, em algumas possibilidades de atuar, se envolve com essas pessoas, se preocupa em estar com o outro, em fazer com que o idoso não perca a vontade de interagir com outra pessoa, que existem pessoas que estão dispostas a acolhê-lo: o palhaço, por ser uma figura cômica e ter o intuito de fazer com que o público ria, e com esse riso causar na pessoa algum efeito, ou mesmo que a pessoa não ria, mas esboce alguma expressão diferente naquele momento em que o palhaço está inserido.

Esses encontros tiveram como objetivo fazer com que ambas as partes se relacionassem, interagissem e, a partir disso, ver os efeitos causados. O olhar era um dos principais meios de se perceber e se comunicar. Com o brilho no olhar, quando as lembranças do passado vinham ao presente ou com o modo como eles conversam com os palhaços, olhando dentro dos olhos. O abraço, muitas vezes apertado, a vontade de mostrar que ainda são capazes de se expressar corporalmente, de dançar, pular. Alguns, apesar de não conseguirem dançar por estar com dor ou não saber, podia-se notar a forma como conversavam com as palhaças; alguns faziam as palhaças rirem muito com certos assuntos.

O palhaço tem a intenção de fazer as pessoas rirem, mas em muitos dos encontros os papéis eram trocados e o idoso é quem fazia o palhaço rir.

Podemos concluir que essa relação entre o idoso e o palhaço no asilo causa muitos dos efeitos em ambas as partes. O asilo muitas vezes já é considerado um lugar de abandono, onde os idosos ficam sem ter o que fazer e sem atenção, se sentindo menosprezados. A intervenção dessa figura do palhaço faz com que se quebre o gelo daquele ambiente, pois nessa relação do idoso com o palhaço muitos efeitos são causados, muitos efeitos aparecem nos encontros e se pode pensar que seja uma relação surpreendente que se estabelece a cada novo dia, a cada novo encontro.

REFERÊNCIAS

ACHCAR, A. **Palhaço de hospital**: proposta metodológica de hospital. Rio de Janeiro, 2007.

ARAÚJO, C. L. O.; SOUZA, L. A.; FARO, A. C. M. (s/d). **Trajetória das instituições de longa permanência para idosos no Brasil**. Disponível em: <http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/here/n2vol1ano1_artigo3.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2013.

BOLOGNESI, M. F. **Palhaços**. São Paulo: UNESP, 2003.

CARVALHO, S. C. F. **O olhar do idoso sobre a finitude**: um estudo sobre as representações sociais da Morte em idoso em uma cidade do sertão de Pernambuco. 2008. 81f. Tese (Pós graduação em Psicologia) Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

CASTRO, A. V. **Elogio da bobagem**: Palhaços no Brasil e no mundo. Rio de Janeiro: Família Bastos, 2005.

CORREA, M. R. Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

CULTURA. (2007). **Entrevista Patch Adams**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=fNbsPh5VLI4>>. Acesso em: 5 out. 2013.

DOUTORES DA ALEGRIA. (s/d). Disponível em: <<http://www.doutoresdaalegria.org.br/>>. Acesso em: 14 out. 2013.

DIÁRIO de Luana. (s/d). **Um palhaço suspeito**. Disponível em: <<http://diariosdalublogspot.com.br/2011/12/ronald-mc-donald-um-palhaco-suspeito.html>>. Acesso em: 30 set. 2013.

EM TROBRIAND no hay besos. (2009). Disponível em: <http://entrobriandnohaybesos.blogspot.com.br/2009_12_01_archive.html>. Acesso em: 30 abr. 2013.

FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio século XXI Escolar**: O minidicionário da língua portuguesa, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FIT. (s/d). **O reencontro de palhaços na rua é a alegria do sol com a lua- Rua**. Disponível em: <http://www.pbh.gov.br/cultura/fitbh/programacao/detalhe/det_oreencontrodospalhaosnaruaealegriadoolcomalua.php>. Acesso em: 30 set. 2013.

FIAMFAAM. (s/d). **Doutores da alegria**. Disponível em: <<http://www.fiamfaam.br/MOMENTO/>>. Acesso em: 30 set. 2013.

FOTO Legenda. (s/d). **Patati e Patatá estão no Uberlândia Shopping**. Disponível em:

<<http://netcult.com.br/fotolegenda/patati-e-patata-estao-no-uberlandia-shopping/>>. Acesso em: 30 set. 2013.

FREITAS, S. A.; COSTA, M. J. (s/d). **A identidade social do idoso**: memória e cultura popular. Disponível em:

<www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/viewFile/3718/2607>. Acesso em: 17 jun. 2013.

GOLDFARB, D. C. (1998). **Corpo, tempo e envelhecimento**. Disponível em: <www.portaldoenvelhecimento.org.br>. Acesso em: 11 jun. 2013.

JACOB, L. (s/d). **Sexualidade na terceira idade**. Disponível em:

<http://www.socialgest.pt/_dlds/SexualidadenaTerceiraldade.pdf>. Acesso em: 16 out. 2013.

MARQUES, A. M. (s/d). **Velho e idoso**: construindo o sujeito da terceira idade. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/336>>. Acesso em: 28 out. 2013.

MENDES B. et al. (2005). **A situação social do idoso no Brasil**: uma breve consideração. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em: 17 jun. 2013.

O GLOBO. (s/d). **Festival do Rio traz mais de 350 filmes aos cinemas cariocas**. Disponível em:

<<http://oglobo.globo.com/cultura/megazine/festival-do-rio-traz-mais-de-350-filmes-aos-cinemas-cariocas-confira-os-destaques-da-programacao-2787958>>. Acesso em: 30 set. 2013.

O POVO. (2011). **Patch Adams visita crianças do iprede**. Disponível em:

<<http://blog.opovo.com.br/blogdoeliomar/patch-adams-visita-criancas-do-iprede/>>. Acesso em: 30 set. 2013.

OBVIOUS. (2012). **Carnaval sem máscaras**. Disponível em:

<<http://lounge.obviousmag.org/megalomaniaca/2012/02/carnaval-sem-mascaras.html>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

OLIVEIRA, R. R. (2006). **Os doutores da alegria na unidade de internação pediátrica**: experiências da equipe de enfermagem. Disponível em:

<http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/title/os-doutores-da-alegria-na-unidade-interna%C3%A7%C3%A3o-pediatria-experi%C3%A7%C3%A3o-ancias-da/id/54666866.html>. Acesso em: 17 abr. 2013.

PALACIOS, A. R. J. (2004). **Velhice, palavra quase proibida; terceira idade, expressão quase hegemônica**: apontamentos sobre o conceito de mudança discursiva na publicidade contemporânea. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt>.

Acesso em: 20 jul. 2013.

PAPALIA, D. E. **Desenvolvimento humano**. São Paulo: Artmed, 1998.

PASSOS, E. ; KASTRUP, V. ; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método cartográfico:** pesquisa e intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PATCH ADAMS. **O amor é contagioso.** Direção de Tom Shadyac, Estados Unidos da América, Universal Pictures 1998, cor colorido, DVD, dur.1h e 55 min.

SILVA, L. R. F. (2008). **Da velhice à terceira idade:** o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. Disponível em: <www.scielo.br >. Acesso em: 24 jul. 2013.

SOUZA, R. M. (2009). **Sexualidade na terceira idade.** Disponível em: <<http://www.faculdadedofuturo.edu.br/revista/2009/pdfs/ARTIGO-SEXUALIDADENATERCEIRAIDADE.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2013.

PAVIS, P. **Dicionário de teatro.** tradução para a língua portuguesa sob a direção de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

VALÉRIO, M. M. **Passagens circenses.** Niterói: 2007. 107f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidades Federal Fluminense, Niterói

VARGAS, H. S. **Psicologia do envelhecimento.** São Paulo: BYK- PROCIENX, 1983.

DIÁRIO DE BORDO, BARROS, Amanda Carolina Reis de Barros. Produzido em 2012 e 20013.